

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

COM A LINHA DE SOMBRA

29 de Novembro de 2024

REPÓRTER X / 1986

um filme de José Nascimento

Realização: José Nascimento *Argumento:* José Nascimento, José Álvaro Morais, Manuel João Gomes, Edgar Pêra *Fotografia (cor):* Manuel Costa e Silva *Fotografia (filme mudo):* Mário de Carvalho *Som:* Carlos Alberto Lopes *Misturas:* Antoine Bonfanti *Cenografia e Figurinos:* Jasmim de Matos *Música:* António Emiliano *Canção Original:* "Dor de Alma", de Sérgio Godinho (interpretada por Anamar) *Montagem:* José Nascimento, Ana Luísa Guimarães *Interpretação:* Joaquim de Almeida (Reinaldo Ferreira), Fernando Heitor (Mário), Paula Guedes (Zaida), Susana Borges (Hanna Sturk), Eunice Muñoz (Sara Sturk), Mário Viegas (Sete Línguas), Rui Reininho (Sartov), Anamar (Charlotte), Jorge Silva Melo (Camilo), Filipe Ferrer (director do jornal), Teresa Roby (Regina), Ana Wilson (Diana), José Wallenstein (Stuart), Marcello Urgeghe (Cobra-de-água) Manuel Graça Dias (Ahmed), José Ribeiro da Fonte (Ministro), Zé da Guiné (Abdul), Pedro Cabrita Reis (Italiano), Francisco Nascimento (Groom), Helena Vieira, Luís Madureira (actores do filme mudo), Adelaide João, etc.

Produção: Paisá Filmes, José Nascimento (Portugal, 1986) *Produtores executivos:* Maria do Carmo Moser, José Lã Correia *Directora de produção:* Isabel Branco *Estreia comercial portuguesa:* 25 de Maio de 1987, no Estúdio 444 e no Quarteto (Lisboa) *Cópia:* DCP *, cor, 98 minutos, legendado electronicamente em português nas falas em francês *Primeira apresentação pública da digitalização.*

RODAGENS REPÓRTER X / 1985-2024

Realização, Montagem: Edgar Pêra (Portugal, 1985-2024) *Com:* José Nascimento e a equipa de *Repórter X* *Cópia:* Edgar Pêra, ficheiro digital, cor, 13 minutos *Primeira apresentação pública.*

* No cartão inicial do DCP a apresentar de *Repórter X*:

Os negativos originais 35 mm foram digitalizados pela Cinemateca no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (programa Next Generation EU). Esta cópia digital é uma nova versão do realizador, feita em 2024, a partir da referida digitalização, com uma nova mistura de som e uma nova montagem. Restauro de imagem e correção de cor (2024): Cineric Portugal / Irma Lucia Efeitos Especiais. Nova mistura digital do som (2024): José Nascimento e Hugo Leitão. Agradecimentos de José Nascimento: Suzana Borges, Marcello Urgeghe e Flak.

com a presença de José Nascimento

Para a sua primeira longa-metragem de ficção José Nascimento foi buscar inspiração a uma figura mítica dos anos 1910, 20 e 30 portugueses, o jornalista, novelista, dramaturgo e realizador Reinaldo Ferreira vulgo "Repórter X". A história desse nome é conhecida, pelo menos tal como a registou a lenda do meio jornalístico da época em que Reinaldo Ferreira foi um distinto repórter. Começamos por aí, pela pena que vale e pelas vezes que calha o conhecido e o desconhecido andarem a par: "Repórter X" foi um pseudónimo encontrado em princípios dos anos 1920, quando Reinaldo Ferreira deixava Barcelona, onde vivia com a família depois de um ano de estadia em Paris, para regressar a Lisboa. A última crónica de Barcelona relatava criticamente a subida ao poder espanhol da ditadura de Primo de Rivera e o receio de represálias leva o autor a publicá-la, no jornal *A Tarde*, com a vaga assinatura "Repórter", numa grafia que leva ao engano a leitura do tipógrafo encarregue de montar o texto em Lisboa. Havia de ser impressa como uma peça da autoria de um dito "Repórter X". Nascido de uma gralha, o nome agradou e foi adoptado.

Tanto agradou e tanto foi adoptado que Reinaldo Ferreira assim baptizou a revista que teve com Guedes de Amorim e Mário Domingues (a sua redacção é um dos cenários-chave do filme de Nascimento) e será nas páginas da revista, muito dedicadas aos bastidores das noites lisboetas da altura, com condimentos como as investidas da alta sociedade, manobras de espionagem, circuitos de prostituição e substâncias ilícitas, que dará largas à imaginação e ao gosto pela literatura policial, publicando em fascículos, folhetins, como então se dizia, relatos criminais coloridos e empolados que tanto podiam dever à realidade como à ficção. Aí e nas redacções dos jornais (o filme de Nascimento leva-nos até à de *O Século*), Reinaldo Ferreira faz correr muita tinta, o que não deixa de alimentar a construção da história da sua própria personagem, na qual cabem discussões sobre a autenticidade e a falsidade das reportagens, viagens imaginadas (à Rússia, por exemplo), entrevistas fictícias (a Mata Hari ou a Conan Doyle)... uma série de casos de fronteiras esbatidas que, rezam as crónicas, levavam os detractores a falar de “reinaldices” e o próprio a retorquir com o belo termo “reporterxizar”. A aura que envolveu a figura do “repórter-detective”, autor de “reportagens literárias” sobre o *bas-fonds* lisboeta, um dos mais populares géneros jornalísticos do início do século XX, emana de exaltações e desvarios. Certo é que a criatividade de Reinaldo Ferreira não teria margem para amarras e a narrativa seria uma paixão febril, provavelmente.

Essa febre extravasou para o cinema. Reinaldo Ferreira experimentou primeiros contactos como responsável pela secção de filmes do jornal *A Capital*, em 1918, quando Leitão de Barros adaptou ao ecrã o seu *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, publicado em episódios, também n’*A Capital*, primeiro sob a aparência de história verídica para depois seguir as aventuras de um detective português – *O Homem dos Olhos Tortos*, o filme de Leitão de Barros a partir de um folhetim do “Repórter X”, ficou inacabado, ainda que seja visível numa versão incompleta. Quanto a Reinaldo Ferreira, estreou-se como realizador em Espanha, cinco anos mais tarde, com o *Groom do Ritz* e voltou à lide com uma obra tão peculiar como *O Táxi 9297*, o mais conhecido dos seus filmes e um assinalável título da filmografia muda portuguesa, produzido pela Repórter X Film que no mesmo ano de 1927 conclui *Hipnotismo ao Domicílio* e *Rita ou Rito?*... dando prova da fertilidade vagamente alucinada da imaginação de Reinaldo Ferreira, cineasta. Parênteses: Nascimento mantém uma pista deste rasto inserindo no seu *Repórter X* a cena de uma projecção privada de um filme – imaginário – de Reinaldo Ferreira com Luís Madureira e Helena Vieira nos papéis protagonistas. Nota: tecido num rocambolésco enredo, urbano, nocturno e policial, *O Táxi 9297* abre com um intertítulo que anuncia um bom prólogo mas podia servir de boa epígrafe ao filme de Nascimento: “Este drama não é um decalque da vida real. O autor pede que acreditem na sua fantasia.”

Tantos caracteres de Reinaldo Ferreira e ainda tão poucos de *Repórter X*? Não vem a despropósito. É que o filme de José Nascimento, longe de se oferecer como um “biopic”, é fiel ao espírito da vida e da obra de Reinaldo Ferreira, de que parte para uma ficção que não é certamente um *decalque* e que não só apela à *fantasia* como a reivindica para seu centro nevrálgico, oferecendo-a à personagem de Reinaldo Ferreira, interpretada por Joaquim de Almeida no seu primeiro papel como protagonista. *Repórter X*, filme de ficção e filme de época com uma intriga que balança entre o policial e o mistério propõe, antes disso e antes de mais, um ambiente, uma atmosfera que transportam consigo a carga fascinante da personagem que torna sua, traduzindo-a num trabalho essencialmente visual. Por um lado, temos a intriga que se segue graficamente, um pouco à semelhança da banda desenhada e também por aí remetendo para o espírito folhetinesco da coisa – Reinaldo Ferreira, personagem propicia a movimentos de bastidores alucinantes, interessado em contar histórias de espionagens europeias com centro em Lisboa, vê-se envolvido num aventureiro caso de diplomacia, negócios escuros e desaparecimentos misteriosos. Por outro lado, o relato de uma tal intriga está desde o início transfigurado pela luz nocturna em que os acontecimentos decorrem, sendo que essa luz nocturna é decisiva em *Repórter X*.

Da personagem real, *Repórter X* guarda os traços essenciais, do gosto pela ficção a uma vivência febril, em que seguem acompanhadas as histórias, o burburinho das redacções, o movimento das noites e a dependência da morfina, que o próprio Reinaldo Ferreira dá a ver em *O Táxi 9297*. Tudo começa com uma “flashada”, logo

espectacular: a descoberta inicial do corpo à beira-rio, à noite, junto aos armazéns portuários, funciona como prólogo e batuta. Corte para o genérico onde o azul gráfico do “X” se impõe enchendo o enquadramento. Corte para o rosto angustiado de Reinaldo Ferreira na aterragem em Lisboa, revelada pouco mais tarde como manifestação de uma carência de morfina. Dados assentes, começa a deambulação pela memória de uma época lisboeta, na qual a reconstituição das redacções, dos clubes nocturnos, é especialmente fotogénica sem nunca ceder ao apelo decorativo. O realismo, que nunca marca a iluminação ou os delírios narrativos, é mesmo demarcado em duas ocasiões particulares e ambas as vezes por elementos que funcionam como adereços no fundo dos planos – a vista do casario de Lisboa a acabar no rio, no telão pintado que é o exterior para lá das grandes janelas da redacção da revista, e a da lua de cartão do outro lado da janela do quarto do Repórter X que enquadra o beijo dele e de Zaida, interpretada por Paula Guedes na personagem anterior à que protagonizou em *O Bobo* de José Álvaro Morais.

O acordo de actores e personagens é outra consonância do filme de Nascimento, admitida como primeira a dimensão fabulosa que casa a figura titular do repórter com o território de género cruzado de *Repórter X* – uma produção de atmosfera estúdio em muitos cenários verídicos ou verídicos exteriores, por onde, ao lado da acção e aventura policial e ou fantástica, com outras estimulantes ramificações, passa uma influência *noir*. A inspiração é transversal (destacam-se como exemplos) – Joaquim de Almeida aterra no papel que lhe assenta como uma luva nos começos do cinema, Suzana Borges surge como uma romântica Hanna, Paula Guedes compõe uma cleopátrica Zaida plena de estilo e mistério, Anamar encarna uma impecável mulher fatal com a voz no lugar de bala para a balada da alma escrita por Sérgio Godinho, Teresa Roby, aqui Regina, como só e sempre ela, idem para Eunice Muñoz, Rui Reininho em versão actor, tal como Manuel Graça Dias, José Ribeiro da Fonte, Zé da Guiné ou Pedro Cabrita Reis. E Jorge Silva Melo, que andou a trocar de lugar e papéis com José Nascimento neste filme (Nascimento realizador, Jorge Silva Melo actor) e em *Agosto* e *Coitado do Jorge* (Jorge Silva Melo realizador, Nascimento actor). Mais Mário Viegas, Filipe Ferrer, Fernando Heitor, Marcello Urgeghe entre os “actores actores”, como Francisco Nascimento em estreia de infância. Juntos num filme aventuroso.

O que o tempo adensou é que, sendo uma evocação de época, *Repórter X* de alguma forma evoca a época do seu fabrico. Se José Nascimento consegue tocar o espírito da época de Reinaldo Ferreira no circuito em que o repórter se moveria, real ou imaginariamente, *Repórter X* ganhou um suplemento de registo de uma determinada época do cinema português. Por redutor que este comentário possa ser (só é possível vê-lo assim a partir daqui, no pressuposto do contexto do cinema português), não deixa de sentir-se uma marca que começa nos créditos do genérico reunindo diferentes realizadores como autores do argumento, se prolonga no elenco e que, por esta e outras razões, não deixa de lançar a questão: não será *Repórter X* tanto um filme do ambiente da Lisboa dos anos 1920 como da Lisboa dos anos 1980? A hipótese é plausível.

Nesta sessão de 2024 de *Repórter X*, salta à vista: o epílogo tem a assinatura de Edgar Pêra, co-argumentista e anotador do filme que, por essa altura, colecionava imagens armado da câmara vídeo com que o vemos ao espelho num dos momentos das *Rodagens de Repórter X* agora montadas. O manancial de imagens filmadas por Pêra nos círculos do cinema e da música, pelo menos esses, dos anos 1980 e 90 portugueses constituem um apetecível arquivo do qual, a espaços, saem pequenos tesouros. Faz parte da sua história e do seu cinema irrequieto, prolixo, em reinvenção permanente, avesso ao fechamento pelo gosto da reescrita, da liberdade de um espírito mutante – o pesadelo do arquivista, diz-se por piada na Cinemateca, é o Edgar Pêra. Em versão sonho, é o cineasta que traz os *Arquivos do fim do século*: foi assim que chamou à montagem dos *Cine-Diários (1985-1989)* apresentada num extenso ciclo de “primeiras obras, primeiras vezes” no cinema português (na Cinemateca, Julho 2010) porque com ele os momentos retrospectivos são muitas vezes de descoberta.

A compilação desses *Cine-Diários*, como o das imagens das *Rodagens de Repórter X*, antecede o começo da filmografia oficial de Pêra, a “cine-síntese da obra arquitectónica de Cassiano Branco do ponto de vista do peão e do pássaro” *A Cidade de Cassiano* (1991) e o documentário-ensaio-inquérito *O Trabalho Liberta?* (1993). Como escrevi nessa “folha”, a ligação directa da singularidade de Pêra faz-se com a do universo em que, desde

o início, se movimenta e que, nesse movimento, foi construindo no contexto do cinema português a que na segunda metade dos anos 1990 se referiu como um terreno de “flores exóticas”. Importa lembrar que Pêra fez a Escola de Cinema, onde foi aluno de José Nascimento, e começou a filmar compulsivamente, tirando partido dos suportes disponíveis, fossem eles película – Super 8 mm, 16 mm – ou vídeo – a começar no VHS, como sucedeu na rodagem do *Repórter X* em Lisboa, 1985. A sua filmografia “pré-oficial”, oficial, porventura não oficial foi sendo marcada por uma composição “explosiva” em que cabem filmes, “proto-filmes”, “cine-concertos”, “clips” “cine-diários”, “arquivos luso-galácticos”, instalações e intervenções ao vivo, versões várias na grande maioria dos títulos, etc., etc., e um rumo onde se aliam (termos que lhe roubamos) a herança formal do cinema mudo e a sedução pela captação instantânea da realidade. Activo na construção de um discurso sobre o próprio trabalho, reivindicou desde o início o epíteto de “Homem-Câmara” e um “ímpeto arquivista” que “só pode ser encarado como uma maneira de viver”. As palavras traduzem o que uns planos desta montagem de 2024 mostram devolvendo o reflexo da sua imagem ao espelho diante do qual Joaquim de Almeida faz a barba, preparando uma cena do filme, ou ao espelho de camarim ali ao lado: Edgar Pêra, de câmara nas mãos colada a um dos olhos.

Os treze minutos de bastidores de *Repórter X*, vindos do material *making of* dos arquivos de Pêra, mostram a equipa, os actores, o realizador, cenários e parafernália de uma rodagem de ficção nos termos profissionais-familiares do cinema português de meados dos anos 1980, retratando modos de fazer, uma alegria de estar. E cruzando gerações de presentes e futuros protagonistas, de que talvez a imagem eloquente seja a do abraço entre José Nascimento e Jorge Silva Melo, seu actor nesse filme, presume-se que no final da filmagem da cena da morte. Porque ele aí está, como tantos outros, entre os mais jovens o pequeno Francisco Nascimento, filho de José, na rodagem do filme de uma primeira aparição no cinema antes dos *Tempos Difíceis*, do *Rosa de Areia*, do *Onde Bate o Sol*, do *Mar à Vista*, novamente dirigido por José Nascimento a partir de um argumento seu e de Edgar Pêra. São muitos os fios das meadas pelas quais apetece puxar olhando a montagem de Edgar Pêra, um belo mergulho nessa experiência, nesse cinema português, nessa Lisboa, por vezes em imagens levadas à sobre-exposição a branco, sob a influência do som directo, e da canção de Sérgio Godinho (originalmente escrita para o filme) na bela interpretação de Anamar, que começa por falar de horas, relógio de pulso, o pulso do tempo, o sangue que pulsa: *É uma dor d'alma / perder a alma / E não perder o corpo a ela preso...*

No catálogo azul-tipográfico agora publicado, *José Nascimento nem verdade, nem mentira*, o testemunho visual de Edgar Pêra (pp. 262-265) parte destas imagens sobre as quais ele desenha e escreve num muito próprio estilo BD “Algumas coisas que aprendi com o José Nascimento”. Por exemplo: “Durante a escrita de guiões escreve-se melhor a ouvir música (e outras coisas) o melhor foi o Zé confiar num puto de 23 anos; A escrita de argumentos (a começar logo com o Manuel João Gomes!); A alegria no rigor durante as rodagens; Na escola de cinema (a 300 metros do Frágil): que se aprende cinema a qualquer hora; Durante a montagem dos meus primeiros filmes: sintetizar para poder desenvolver os momentos mais interessantes sem ser descritivo nem ilustrativo; A paixão pelo cinema não tem horário; Essencial fazer pausas (essa lição demorei muito tempo a aprender). Obrigado Zé!”

Maria João Madeira

a primeira versão do texto de *Repórter X* foi escrita em Novembro de 2006